

Obstrução e fantapolítica

26 JUL 1988

Rubem de Azevedo Lima

8861 705 92

O presidente José Sarney pediu aos líderes do PFL e do Centrão que desistissem da idéia maluca de zerar os trabalhos da Assembléia Constituinte e de recomeçar, ali, tudo de novo.

De seu posto de observação, o Presidente percebeu que até mesmo a omissão do Governo, em face de tal manobra, geraria maiores desconfianças em relação ao futuro do País e isso aumentaria as dificuldades governamentais, junto aos credores externos do Brasil.

No plano interno, a anulação formal de tudo o que se fez até aqui na Assembléia talvez significasse o rompimento inevitável entre o Governo e a cúpula do PMDB. Pois o que o Presidente menos deseja, no momento, é abrir áreas de atrito com o deputado Ulysses Guimarães, dirigente daquela agremiação e seu poderoso aliado na Constituinte.

Mas a recomendação presidencial não foi inteiramente acolhida pelos radicais do PFL e do Centrão, que não desistiram de retirar do projeto de Constituição diversos dispositivos, para que o País, conforme sustentam, continue governável, depois de promulgada a nova Carta.

Estes setores do Centrão e do PLFL só admitem adotar uma estratégia política menos traumática, mas que impeça a aprovação do atual

texto constitucional por tempo indeterminado.

O mais provável é que centristas e pefelistas finquem pé fora do plenário da Constituinte e neguem quorum mínimo de deliberações, para, com isso, forçar as mudanças que desejam no projeto de Constituição.

Uma vez que o regimento interno da Assembléia exige, no segundo turno de votação da nova Carta, que o texto aprovado no primeiro seja ratificado por 280 constituintes, o Centrão e o PFL estão certos de que, sem o seu apoio, estabelecer-se-á o impasse e isso forçará a negociação na Constituinte. Sem o entendimento, a Constituição não será aprovada tão cedo e o Governo continuará a governar através de decretos-leis e a firmar acordos internacionais, como no caso da dívida externa, à revelia do Congresso.

Rolar a Constituinte, por mais algum tempo, não é bom para o Governo, mas o PFL e o Centrão acham que será pior para as esquerdas, que terão como única moeda eleitoral, mais uma vez, a retórica das promessas. Trata-se de moeda que julgam desvalorizada, hoje, perante a opinião pública, interessada em fatos políticos concretos, de resultados positivos imediatos, e não em novas ilusões da fantapolítica brasileira. É uma tese a conferir, em novembro.